

DA AUTORA DE GAROTA EXEMPLAR

OBJETOS CORTANTES

GILLIAN
FLYNN



GILLIAN FLYNN

OBJETOS CORTANTES

TRADUÇÃO DE Alexandre Martins



Copyright © Gillian Flynn, 2006

Edição publicada mediante acordo com Crown Publisher, um selo de Crown Publishing Group, uma divisão de Random House, Inc.

TÍTULO ORIGINAL

SHARP OBJECTS

REVISÃO

Taís Monteiro
Ulisses Teixeira
Luiz Felipe Fonseca

DIAGRAMAÇÃO

editoriarte

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F669o

Flynn, Gillian, 1971-
Objetos cortantes / Gillian Flynn ; tradução
Alexandre Martins. – 1. ed. – Rio de Janeiro :
Intrínseca, 2015.
256 p. ; 23 cm.

Tradução de: Sharp objects
ISBN 978-85-8057-658-0

1. Romance americano. I. Martins,
Alexandre. II. Título.

14-18059

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

*Para meus pais,
Matt e Judith Flynn*

CAPÍTULO UM

Meu suéter era novo, vermelho-berrante e feio. Era doze de maio, mas a temperatura caíra para a casa dos cinco graus, e, após cinco dias tremendo sem agasalho, arrumei um em uma liquidação em vez de vasculhar minhas roupas de inverno encaixotadas. Primavera em Chicago.

Estava sentada em meu cubículo revestido de juta, olhando para a tela do computador. Minha matéria do dia era uma maldade sem graça. Quatro crianças, com idades entre dois e seis anos, tinham sido encontradas trancadas em um quarto em South Side com dois sanduíches de atum e um litro de leite. Ficaram lá três dias, circulando como galinhas entre a comida e as fezes no carpete. A mãe saíra para fumar unzinho e simplesmente se esquecera delas. Algumas vezes é o que acontece. Nada de queimaduras de cigarro, nenhum osso quebrado. Apenas uma falha irremediável. Eu vira a mãe logo depois de ela ser presa: Tammy Davis, de vinte e dois anos, loura e gorda, com ruge rosa nas bochechas em dois círculos perfeitos do tamanho de copinhos de licor. Podia imaginá-la sentada em um sofá caindo aos pedaços, os lábios no metal do narguilé, o trago veloz. Depois tudo viajando rápido, os filhos ficando para trás enquanto ela voltava para o ensino médio, quando os garotos ainda lhe davam bola e ela era a mais bonita, uma garota de treze anos com lábios de gloss que mascava chicletes de canela antes de beijar.

Uma barriga. Um cheiro. Cigarros e café velho. Meu editor, o estimado e cansado Frank Curry, trepidando em seus sapatos Hush Puppies com o couro rachado. Os dentes encharcados de saliva marrom de tabaco.

— Como está a matéria, menina?

Havia uma tachinha prateada em minha mesa, a ponta para cima. Ele a empurrou levemente sob uma unha amarelada.

— Quase pronta.

Eu tinha oito centímetros de texto. Precisava de vinte e cinco.

— Ótimo. Termine essa merda, archive e venha ao meu escritório.

— Posso ir agora.

— Termine essa merda, archive, depois venha ao meu escritório.

— Certo. Dez minutos.

Eu queria minha tachinha de volta.

Ele saiu do meu cubículo. A gravata balançava perto da virilha.

— Preaker?

— Sim, Curry?

— Termine essa merda.

Frank Curry acha que sou frouxa. Talvez por eu ser mulher. Talvez por eu ser frouxa.

O escritório de Curry fica no terceiro andar. Tenho certeza de que ele fica nervoso e puto sempre que olha pela janela e vê o tronco de uma árvore. Bons editores não veem a casca; eles veem folhas — isso quando conseguem identificar árvores do vigésimo ou trigésimo andar. Mas no caso do *Daily Post*, quarto maior jornal de Chicago, relegado aos subúrbios, há espaço para se esparramar. Três andares bastam, derramados implacavelmente pelo terreno, como um vazamento, sem serem notados entre os varejistas de carpetes e lojas de luminárias. Um empreiteiro produziu nosso bairro ao longo de três bem-organizados anos — 1961-64 —, depois o batizou com o nome da filha, que sofrera um grave acidente de equitação um mês antes de o trabalho ser concluído. Aurora Springs, ele ordenara, posando para uma foto junto a uma placa novinha da cidade. Depois reunira a família e partira. A filha, agora na casa dos cinquenta anos e passando bem a não ser por uma eventual dormência nos braços, mora na Flórida e retorna em intervalos de alguns anos para tirar uma foto junto à placa com seu nome, exatamente como o pai.

Escrevi a matéria em sua última visita. Curry odiou; ele odeia a maioria dos relatos de vida. Entornou licor Chambord enquanto lia e saiu do escritório cheirando a framboesa. Curry fica bêbado bem discretamente,

mas com frequência. Entretanto, essa não é a razão pela qual ele tem uma vista tão agradável do chão. *Apenas um desvio do azar.*

Entrei e fechei a porta do escritório, que não é como eu imaginava que fosse ser o escritório do meu editor. Eu esperava por grandes painéis de carvalho, um vidro na porta — com Chefe “escrito” —, para que os focas pudessem nos ver discutindo a liberdade de imprensa. O escritório de Curry é sem graça e institucional, como o resto do prédio. Você poderia debater jornalismo ou fazer um papanicolau. Ninguém ligaria.

— Fale sobre Wind Gap — pediu Curry, com a ponta de uma esfrográfica encostada no queixo grisalho.

Eu podia imaginar o pontinho azul que ficaria entre os fios de barba por fazer.

— É bem na base do Missouri, no calcanhar da bota. Perto de Tennessee e Arkansas — falei, correndo atrás de fatos. Curry adorava pressionar repórteres com temas que considerava pertinentes: o número de assassinatos em Chicago no ano anterior, a demografia de Cook County ou, por alguma razão, a história da minha cidade natal, um assunto que eu preferia evitar. — Existe desde antes da Guerra Civil. Fica perto do rio Mississippi, então em certo momento foi uma cidade portuária. Hoje o principal negócio é o abate de porcos. Tem cerca de dois mil habitantes. Famílias ricas e escória.

— Você é qual?

— Sou escória. De família rica.

Eu sorri. Ele franziu a testa.

— E que diabo está acontecendo lá?

Fiquei sentada em silêncio, catalogando vários desastres que poderiam ter se abatido sobre Wind Gap. É uma daquelas cidades decadentes com vocação para a desgraça. Uma batida de ônibus ou um tornado. Uma explosão em um galpão ou um bebê caindo em um poço. Eu também estava um pouco ressentida. Esperava — como sempre espero quando Curry me chama ao escritório — que ele fosse me parabenizar por uma matéria recente, me promover a uma área melhor, porra, deslizar pela mesa um pedaço de papel com um aumento de um por cento rabiscado... Mas estava despreparada para falar de acontecimentos recentes em Wind Gap.

— Sua mãe ainda está lá, certo, Preaker?

— Mãe. Padrasto.

Uma meia-irmã nascida quando eu estava na faculdade, sua existência tão irreal para mim que com frequência me esquecia de seu nome. Amma. E Marian, que não está mais entre nós.

— Bem, ora, você fala com eles?

Não desde o Natal: um telefonema frio e educado depois de tomar três bourbons. Eu estava preocupada que minha mãe conseguisse sentir o cheiro da bebida pela linha telefônica.

— Não nos últimos tempos.

— Jesus Cristo, Preaker, leia o material das agências de vez em quando. Acho que houve um assassinato agosto passado. Garotinha estrangulada?

Balancei a cabeça como se soubesse. Estava mentindo. Minha mãe era a única pessoa em Wind Gap com quem eu tinha alguma ligação, mesmo que limitada, e ela não dissera nada. Curioso.

— Agora outra menina desapareceu. Está me parecendo um caso de crimes em série. Vá até lá e me traga uma matéria. Vá logo. Esteja lá amanhã de manhã.

De jeito nenhum.

— Temos histórias de horror aqui também, Curry.

— É, e três jornais concorrentes com o dobro de pessoal e verba — disse ele, passando a mão pelos cabelos, que pendiam em mechas desalinhasadas. — Estou farto de ser furado. Essa é nossa chance de conseguir algo. Grande.

Curry acreditava que, com a matéria certa, nós nos tornaríamos o jornal preferido de Chicago da noite para o dia e teríamos credibilidade nacional. Ano passado, outro jornal, não o nosso, enviou um jornalista à sua cidade natal em algum lugar do Texas depois que um grupo de adolescentes se afogou nas inundações de primavera. Ele escreveu uma matéria elegíaca, mas bem apurada, sobre a natureza da água e do arrependimento, cobrindo tudo, desde o time de basquete dos meninos, que perdera seus três melhores jogadores, até a funerária local e sua desesperadora inexperiência em limpeza de cadáveres afogados. A matéria ganhou um Pulitzer.

Ainda assim eu não queria ir. Pelo jeito queria tão pouco que travei as mãos nos braços da cadeira, como se Curry pudesse tentar me arrancar dali. Ele ficou sentado e me encarou por um momento com seus olhos

castanho-claros. Pigarreou, olhou para a foto da esposa e sorriu como se fosse um médico prestes a dar más notícias. Curry adorava berrar — isso se encaixava na imagem que ele fazia de um editor da velha guarda —, mas também era uma das pessoas mais decentes que eu conhecia.

— Olha, menina, se você não consegue fazer isso, então não consegue. Mas acho que poderia ser bom para você. Sacudir a poeira. Dar a volta por cima. É uma história boa para cacete; precisamos disso. Você precisa disso.

Curry sempre me apoiou. Achava que eu seria sua melhor repórter, dizia que eu tinha uma cabeça surpreendente. Em dois anos de trabalho eu consistentemente ficara abaixo das expectativas. Algumas vezes de forma impressionante. Agora eu podia senti-lo do outro lado da escrivinha, me conclamando a lhe dar um pouco de esperança. Concordei tentando parecer confiante.

— Vou fazer as malas.

Minhas mãos deixaram marcas de suor na cadeira.

Eu não tinha animais de estimação com os quais me preocupar, nada de plantas para deixar com um vizinho. Enfieei em uma bolsa roupas suficientes para cinco dias, minha forma de garantir que estaria fora de Wind Gap antes do fim da semana. Quando dei uma última olhada ao redor de casa, ela de repente se revelou para mim. O apartamento parecia o de uma universitária: barato, transitório e basicamente sem criatividade. Eu prometi a mim mesma investir em um sofá decente quando voltasse, como recompensa pela história impressionante que com certeza iria desencavar.

Na mesa junto à porta havia uma foto de minha pré-adolescência segurando Marian com uns sete anos. Ambas rindo. Ela está com os olhos arregalados de surpresa, eu tenho os meus fechados com força. Eu a estou apertando contra mim, suas pernas magras e curtas balançando em meus joelhos. Não consigo me lembrar da ocasião ou do que estávamos rindo. Ao longo dos anos, isso se tornou um agradável mistério. Acho que gosto de não saber.

Eu tomo banhos de banheira. Não chuveiradas. Não suporto o jato, deixa minha pele elétrica, como se alguém tivesse ligado um interruptor. Então coloquei uma toalha fina vagabunda no ralo do boxe, apon-

tei o chuveiro para a parede e me sentei nos oito centímetros de água que empoçaram. O pelo púbico de alguém flutuou.

Saí. Não havia uma segunda toalha, então corri para minha cama e me enxuguei com o cobertor esponjoso barato. Depois bebi bourbon quente e amaldiçoei a máquina de gelo.

Wind Gap fica cerca de onze horas ao sul de Chicago. Curry generosamente me dera uma verba para uma noite de hotel e café da manhã, se comesse em um posto de gasolina. Mas assim que chegasse à cidade eu ficaria na casa da minha mãe. Isso ele decidiu por mim. Eu já sabia a reação que receberia quando aparecesse à porta dela. Uma rápida agitação chocada, a mão indo em direção aos cabelos, um abraço desajeitado que me deixaria ligeiramente inclinada para um dos lados. Um discurso sobre a bagunça na casa, que não existiria. Uma pergunta sobre a duração da estadia disfarçada com amenidades.

“Por quanto tempo teremos sua companhia querida?”, ela diria. Significando: “Quando você vai embora?”

É essa educação que considero mais irritante.

Eu sabia que deveria preparar minhas anotações, redigir perguntas. Em vez disso bebi mais bourbon, depois tomei uma aspirina, apaguei a luz. Embalada pelo ronronar do ar-condicionado e os apitos elétricos de um videogame da porta ao lado, adormeci. Estava a menos de cinquenta quilômetros da minha cidade natal, mas precisava de mais uma noite longe.

Pela manhã, devorei uma rosquinha velha e segui para o sul, a temperatura aumentando com rapidez, a floresta luxuriante eregindo-se dos dois lados. Essa parte do Missouri é sinistramente plana — quilômetros de árvores nada majestosas interrompidos apenas pela faixa estreita da rodovia onde eu estava. A mesma cena se repetindo a cada dois minutos.

Você não consegue ver Wind Gap a distância; seu prédio mais alto tem apenas três andares. Mas após vinte minutos dirigindo eu sabia que estava chegando: primeiro surgiu um posto de gasolina. Um grupo de adolescentes maltrapilhos sentados na frente, sem camisa e entediados. Perto de uma velha picape um bebê de fraldas jogava punhados de terra no ar enquanto a mãe enchia o tanque. Os cabelos dela eram tingidos de louro, mas o castanho da raiz chegava quase às orelhas. Ela

gritou algo para os garotos que não consegui entender enquanto passava. Pouco depois a floresta começou a ralejar. Passei por um centro comercial com câmaras de bronzeamento artificial, uma loja de armas e outra de tecidos. Depois surgiu uma solitária rua sem saída com casas velhas que deveriam fazer parte de um empreendimento que nunca aconteceu. E enfim a cidade propriamente dita.

Sem nenhum motivo razoável, preendi a respiração ao passar pela placa me dando as boas-vindas a Wind Gap, da forma como crianças fazem ao passar por cemitérios. Já fazia oito anos, mas a paisagem era visceral. Seguindo por aquela rua eu encontraria a casa da minha professora de piano do ensino fundamental, uma ex-freira cujo hálito cheirava a ovo. Aquele caminho levava ao parquinho no qual fumei meu primeiro cigarro em um dia abafado de verão. Pegando aquele bulevar eu iria para Woodberry e para o hospital.

Decidi ir direto para a delegacia de polícia. Ficava em uma ponta da Main Street, a rua principal de Wind Gap. Na Main Street, você encontrará um salão de beleza e uma loja de ferragens, uma loja de quinquilharias e uma biblioteca com apenas doze estantes. Encontrará uma loja de roupas chamada Candy's Casuals, na qual poderá comprar agasalhos, blusas de gola rulê e pulôveres com desenhos de patos e escolas. Quase todas as mulheres simpáticas em Wind Gap são professoras, mães ou trabalham em lugares como a Candy's Casuals. Em alguns anos você poderá encontrar uma Starbucks, que dará à cidade aquilo por que ela anseia: modernidade pré-embalada e pré-aprovada. Mas por enquanto há apenas uma lanchonete que serve comida gordurosa, administrada por uma família cujo nome não consigo lembrar.

A Main Street estava vazia. Nada de carros, nada de pessoas. Um cachorro trotava pela calçada sem um dono que o chamasse. Todos os postes de iluminação tinham fitas amarelas e fotocópias granuladas de uma garotinha. Estacionei e arranquei um dos cartazes, colado torto em uma placa da altura de uma criança. O aviso era feito à mão, "Desaparecida" escrito no alto em letras grossas que poderiam ter sido preenchidas a caneta hidrográfica. A foto mostrava uma garota de olhos escuros com um sorriso selvagem e cabeluda demais. O tipo de garota que seria descrita pelos professores como "difícil". Gostei dela.

Natalie Jane Keene

Idade: 10

Desaparecida desde 11/05

Vista pela última vez no parque Jacob J. Garrett, vestindo
short jeans e camiseta vermelha listrada

Informações: 555-7377

Eu esperava entrar na delegacia e ser informada de que Natalie Jane já havia sido encontrada. Nada de ruim tinha acontecido. Aparentemente ela só havia se perdido, torcido o tornozelo na floresta ou fugido e depois mudado de ideia. Eu entraria no meu carro e voltaria para Chicago sem falar com ninguém.

Acontece que as ruas estavam vazias porque metade da cidade vasculhava a floresta ao norte. A recepcionista da delegacia me disse que eu poderia esperar — o delegado Bill Vickery logo voltaria para almoçar. A sala de espera tinha o clima falsamente acolhedor de um consultório de dentista; eu me sentei em uma poltrona laranja e folheei uma revista *Redbook*. Um aromatizante ligado a uma tomada próxima soprava um cheiro plástico que deveria se assemelhar a brisas do campo. Trinta minutos depois eu tinha terminado três revistas e começava a passar mal por causa do cheiro. Quando Vickery finalmente entrou, a recepcionista apontou para mim com a cabeça e sussurrou com um desprezo ansioso:

— Imprensa.

Vickery, um sujeito esguio de cinquenta e poucos anos, já tinha suado o uniforme. A camisa grudava em seu peito e as calças estavam amarrotadas atrás, onde deveria haver um traseiro.

— Imprensa? — perguntou, me olhando por cima dos bifocais embaçados. — Que imprensa?

— Delegado Vickery, meu nome é Camille Preaker, trabalho no *Daily Post* de Chicago.

— Chicago? Por que veio de Chicago para cá?

— Gostaria de conversar com o senhor sobre as garotinhas; Natalie Keene e a menina assassinada ano passado.

— Jesus Cristo. Como vocês souberam disso lá em Chicago? Meu Deus.

Ele olhou para a recepcionista, depois para mim, como se tivéssemos conspirado. Então fez um gesto para que eu o seguisse.

— Segure as minhas ligações, Ruth.

A recepcionista revirou os olhos.

Bill Vickery seguiu à minha frente, por um corredor revestido de madeira e decorado com fotos de trutas e cavalos em molduras baratas, até seu gabinete, que não tinha janelas — na verdade, era um pequeno quadrado tomado por arquivos de metal. Ele sentou e acendeu um cigarro. Não me ofereceu.

— Não quero que isso circule, senhorita. Não tenho intenção de permitir que isso circule.

— Acho que o senhor não tem muita escolha quanto a isso, delegado Vickery. Crianças estão sendo os alvos. A população precisa estar ciente.

Essa era a frase que eu tinha decorado enquanto dirigia. Isso enca-minha a culpa na direção dos deuses.

— Por que se importa? Não são suas crianças, são crianças de Wind Gap. — Ele se levantou, sentou-se novamente, arrumou papéis. — Estou certo de que Chicago nunca antes se importou com as crianças de Wind Gap.

A voz dele falhou no final.

O delegado deu um trago no cigarro, girou um pesado anel de ouro no mindinho, piscou rapidamente. Fiquei pensando se ele ia chorar.

— O senhor está certo. Provavelmente nunca se importou. Veja, não será uma matéria agressiva. É importante. Caso isso faça com que se sinta melhor, eu sou de Wind Gap.

Aí está, Curry. Estou tentando.

Ele me olhou. Fitou meu rosto.

— Qual é o seu nome?

— Camille Preaker.

— Como não te conheço?

— Nunca me meti em problemas, senhor — disse, sorrindo.

— Sua família é Preaker?

— Minha mãe trocou o nome de solteira ao se casar, há uns vinte anos. Alan e Adora Crellin.

— Ah. Eles, eu conheço — falou.

Eles, todo mundo conhecia. Dinheiro não era tão comum em Wind Gap, não dinheiro de verdade.

— Mas ainda assim não a quero aqui, Srta. Preaker. Você faz essa matéria, e a partir de então as pessoas só nos conhecerão por... isso.

— Talvez alguma divulgação ajude — sugeri. — Ajudou em outros casos.

Vickery ficou sentado em silêncio por um segundo, avaliando seu almoço no saco de papel amassado no canto da escrivania. Cheirava a mortadela. Murmurou algo sobre JonBenét e alguma outra merda.

— Não, obrigado, Srta. Preaker. E nada a declarar. Não tenho nada a declarar sobre investigações em curso. Pode publicar isso.

— Veja, tenho o direito de estar aqui. Vamos tornar isso mais fácil. O senhor me dá alguma informação. Qualquer coisa. Depois ficarei um tempo fora do seu caminho. Não quero tornar seu trabalho mais difícil. Mas preciso fazer o meu.

Era outro pequeno diálogo que eu concebera em algum ponto perto de St. Louis.

Deixei a delegacia com um mapa fotocopiado de Wind Gap no qual o delegado Vickery fizera um pequeno X onde o corpo da garota assassinada fora achado no ano anterior.

Ann Nash, nove anos, tinha sido encontrada em vinte e sete de agosto em Falls Creek, um curso de água acidentado e barulhento que corria pelo meio de North Woods. Desde o anoitecer do dia vinte e seis, quando ela desaparecera, um grupo de busca passara um pente fino na floresta. Mas foram caçadores que depararam com ela pouco depois de cinco da manhã. Fora estrangulada por volta de meia-noite com uma corda de varal comum, enrolada com duas voltas no pescoço. Depois fora jogada no córrego, que estava baixo por causa da seca de verão. A corda ficara presa em uma pedra enorme e ela passara a noite flutuando na corrente lenta. O enterro fora em caixão fechado. Era tudo o que Vickery iria me dar. Depois de uma hora de perguntas, foi isso que consegui.

Liguei do telefone público da biblioteca para o número do cartaz de “Desaparecida”. Uma voz de mulher idosa identificou o número como o Disque-Natalie Keene, mas, ao fundo, eu podia ouvir um lava-louça funcionando. Ela me informou que, pelo que sabia, a busca continuava em North Woods. Aqueles que quisessem ajudar deveriam ir à estrada de acesso principal levando a própria água. A previsão era de recordes de temperatura.

No local da busca, quatro garotas louras estavam sentadas solenemente em uma toalha de piquenique estendida ao sol. Apontaram para uma das trilhas e me mandaram andar até encontrar o grupo.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou-me a mais bonita.

O rosto corado era redondo como o de uma garota que mal entrara na adolescência, e os cabelos estavam presos com fitas, mas os seios, que ela projetava com orgulho, eram os de uma adulta. Uma adulta de sorte. Ela sorriu como se me conhecesse, o que era impossível, já que devia estar na pré-escola quando apareci em Wind Gap pela última vez. Mas me parecia familiar. Talvez a filha de alguma colega de escola. A idade batia, caso a mãe tivesse engravidado ao sair do ensino médio. O que não era improvável.

— Só vim para ajudar — respondi.

— Certo — disse ela, e me dispensou, dedicando-se em seguida a tirar o esmalte da unha do pé.

Saí do cascalho quente e barulhento em direção à floresta, que parecia ainda mais quente. O ar tinha a umidade da selva. Arbustos de arnica e sumagre raspavam em meus tornozelos, e sementes brancas fofas de algodoeiro flutuavam por toda parte, caindo na minha boca, grudando nos meus braços. Quando criança nós as chamávamos de vestidos de fada, lembrei de repente.

À distância um grupo chamava por Natalie, as três sílabas subindo e descendo como uma canção. Mais dez minutos de caminhada pesada e as avistei: cerca de cinquenta pessoas caminhando em filas longas, batendo com varas nos arbustos à frente.

— Olá! Alguma novidade? — gritei para um homem com barriga de cerveja, que estava mais perto de mim. Deixei a trilha e abri caminho por entre as árvores até alcançá-lo. — Posso ajudar?

Eu ainda não estava pronta para sacar meu bloco.

— Pode caminhar aqui ao meu lado — disse ele. — Quanto mais pessoas, melhor. Menos terreno a cobrir.

Andamos em silêncio por alguns minutos, meu parceiro parando de vez em quando para limpar a garganta com uma tosse úmida e rascante.

— Às vezes acho que deveríamos simplesmente queimar a floresta — falou de repente. — Parece que nada de bom acontece nela. É amiga dos Keene?

— Sou repórter, na verdade. *Chicago Daily Post*.

— Ahnnnn... Bem, ora veja. Está escrevendo sobre tudo isto?

Um grito repentino correu por entre as árvores, um grito de menina:

— Natalie!

Minhas mãos começaram a suar enquanto corríamos na direção da voz. Pessoas tropeçavam ao seguirem em direção aos gritos. Uma adolescente com cabelos louros quase brancos passou por nós na trilha, o rosto vermelho e contorcido. Cambaleava como um bêbado agitado, gritando o nome de Natalie para o céu. Um homem mais velho, talvez o pai, a alcançou, envolveu-a nos braços e começou a sair da floresta com ela.

— Eles a encontraram? — perguntou meu amigo.

Um aceno de cabeça, negando.

— Acho que a menina só ficou assustada — respondeu outro homem. — Foi demais para ela. E, de qualquer forma, garotas não deveriam estar aqui, não do jeito que as coisas estão.

O homem me encarou, tirou o boné para limpar a testa, depois voltou a bater no mato.

— Trabalho triste — disse meu parceiro. — Tempos tristes.

Avançamos lentamente. Chutei uma lata de cerveja enferrujada. Depois outra. Um pássaro passou voando à altura dos olhos, depois disparou para o alto das árvores. Um gafanhoto pousou de repente no meu pulso. Magia perturbadora.

— O senhor se incomodaria se lhe perguntasse o que acha de tudo isso? — perguntei, tirando o bloco e acenando com ele.

— Não sei se posso lhe dizer muito.

— Apenas o que acha. Duas garotas em uma cidade pequena...

— Bem, ninguém sabe se há uma relação, certo? A não ser que você tenha alguma informação que eu não tenho. Pelo que sabemos, Natalie vai aparecer bem e em segurança. Não se passaram nem dois dias.

— Alguma teoria sobre Ann? — perguntei.

— Algum maluco, um doido deve ter feito aquilo. Um cara qualquer passa pela cidade, esquece de tomar seus remédios, escuta vozes. Alguma coisa assim.

— Por que diz isso?

Ele parou, tirou um pacote de fumo do bolso de trás, enfiou uma boa porção na boca e mastigou até conseguir um primeiro corte, então deixou o tabaco escorrer até a gengiva. O interior da minha boca começou a formigar em solidariedade.

— Por que mais você arrancaria os dentes de uma garotinha morta?

- Ele levou os dentes dela?
- Todos exceto a parte de trás de um molar de leite.

Após mais uma hora sem resultados e pouca informação, deixei meu parceiro, Ronald Kamens (“Coloque a inicial do meu nome do meio também, se quiser: J.”), e caminhei na direção sul até o ponto em que o corpo de Ann fora encontrado no ano anterior. Demorou quinze minutos até que o som do nome de Natalie cessasse. Mais dez minutos e pude ouvir Falls Creek, o choro claro da água.

Seria difícil carregar uma criança por aquela floresta. Galhos e folhas cobrem a trilha, raízes se projetam do solo. Se Ann era uma verdadeira garota de Wind Gap, cidade que exige a máxima feminilidade de seu sexo frágil, usava cabelos compridos, caindo pelas costas — que teriam se emaranhado nos arbustos. Segui confundindo as teias de aranha com fios de cabelo cintilantes.

A grama ainda estava pisoteada no ponto onde o corpo fora descoberto, revirada em busca de pistas. Havia algumas guimbas de cigarro recentes deixadas para trás por curiosos desocupados. Garotos entediados assustando uns aos outros com visões de um louco deixando um rastro de dentes ensanguentados.

No riacho houvera uma fileira de pedras nas quais a corda no pescoço de Ann tinha se prendido, fazendo com que ela flutuasse na corrente presa por uma guia, como uma condenada, por metade da noite. Agora havia apenas água rolando suavemente sobre a areia. O Sr. Ronald J. Kamens estava orgulhoso quando me contou: o povo da cidade havia arrancado as pedras, colocado-as na caçamba de uma picape e as esmagado fora da cidade. Era um marcante gesto de fé, como se tal destruição fosse impedir males futuros. Aparentemente não funcionara.

Eu me sentei à beira do riacho, passando as palmas das mãos sobre o solo rochoso. Peguei uma pedra lisa e quente e a pressionei contra a bochecha. Fiquei pensando se Ann teria algum dia ido ali quando viva. Talvez a nova geração de garotos de Wind Gap tivesse descoberto formas mais divertidas de passar os verões. Quando eu era menina, nós nadávamos em um local pouco mais adiante, onde enormes blocos de pedra formavam piscinas rasas. Lagostins disparavam ao redor de nossos pés e pulávamos à procura deles, gritando quando tocávamos em

um. Ninguém usava roupa de banho: isso demandava muito planejamento. Você simplesmente pedalava para casa de short e camiseta encharcados, sacudindo a cabeça como um cachorro molhado.

De vez em quando garotos mais velhos, equipados com espingardas e cerveja roubada, passavam pisando forte para atirar em esquilos ou lebres. Pedaçoes de carne ensanguentada balançavam dos cintos. Aqueles garotos, metidos, putos da vida e cheirando a suor, agressivamente ignorando nossa existência, sempre me atraíram. Há diferentes tipos de caçadas, agora sei. O caçador cavalheiresco com visões de Teddy Roosevelt e grandes presas, que encerra um dia no campo com um gim-tônica seco, não é o tipo com o qual cresci. Os garotos que eu conhecia, que começaram cedo, eram caçadores sanguinários. Eles buscavam aquele coice fatal de um animal baleado, fugindo fluido como água num segundo, depois jogado de lado por sua bala.

Quando eu ainda estava no ensino fundamental, com talvez doze anos, entrei na cabana de caça de um garoto da vizinhança, um barracão de tábuas onde os animais eram estripados e despedaçados. Fitas de carne rosada úmida balançavam em cordas, esperando para secar. O chão sujo encardido de sangue. As paredes cobertas de fotografias de mulheres nuas. Algumas das garotas estavam arreganhadas, outras estavam presas enquanto eram penetradas. Uma mulher estava amarrada, os olhos vidrados, seios empinados e cheios de veias como uvas, enquanto um homem a comia por trás. Eu podia sentir o cheiro delas no ar denso e ensanguentado.

Naquela noite, em casa, enfiei um dedo na calcinha e me masturbei pela primeira vez, arfando e nauseada.

QUANDO A FAMÍLIA É SUA PIOR PARTE

Camille Preaker é repórter em Chicago e, a pedido de seu editor, Frank Curry, retorna a sua pequena cidade natal para investigar um mistério envolvendo a morte de uma menina e o desaparecimento de outra. Curry acredita se tratar de um caso de assassinatos em série que, com uma cobertura perspicaz, daria prestígio e destaque ao jornal.

Hospedada na casa da família, Camille precisa reaprender a conviver com a mãe, o padrasto e a meia-irmã, além de lidar com as memórias difíceis de sua infância e adolescência que tanto que esquecer.

Enquanto trabalha para descobrir a verdade por trás desses crimes violentos e enviar a matéria para o jornal, Camille acaba se identificando, até demais, com as jovens vítimas. Assim, para terminar o trabalho, manter a sanidade intacta e sobreviver à estadia na cidade natal, a repórter terá que montar o quebra-cabeça psicológico do próprio passado e confrontar o que lhe aconteceu tantos anos antes.

“Desde a primeira linha, o leitor sabe que está nas mãos de uma escritora talentosa e completa.”

THE BOSTON GLOBE

“Flynn tem um olhar implacável para a imperfeição humana e para o mal que nos circunda.”

THE WASHINGTON POST

“*Objetos cortantes* prende o leitor com a força de um vício.”

CHICAGO TRIBUNE

“Um *thriller* psicológico de leitura compulsiva. Impressionante estreia de Gillian Flynn.”

CHICAGO SUN-TIMES

“Não basta dizer que é uma estreia espetacular. Essa é uma obra admirável, marcada pela escrita e ideias afiadas.”

STEPHEN KING

“Flynn narra com segurança e habilidade surpreendentes.”

SAN FRANCISCO CHRONICLE

